

Sarney e Ulysses superam os atritos

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

No avião presidencial que trouxe de São Paulo o presidente em exercício, na noite de quarta-feira, registrou-se invulgar entendimento político. Conversaram longamente José Sarney e Ulysses Guimarães. O presidente da Câmara voltou a manifestar sua apreensão diante da atual política econômico-financeira, de contenção, acentuando que o PMDB tem poucas chances de sustentá-la por muito tempo perante a opinião pública. Afinal, pratica-se o oposto do que pregaram seus integrantes. Ulysses, no entanto, mostrou-se cordato diante das ponderações de Sarney, de que não há outro jeito, apesar da contrapartida de medidas de emergência no campo social, que estavam em estudo e seriam anunciadas em reunião do Ministério. A reunião, aliás, prevista para hoje, foi cancelada nas primeiras horas da noite de ontem, em função do agravamento do estado de saúde do presidente eleito Tancredo Neves.

O importante a ressaltar da última conversa entre Ulysses e Sarney é que, ao contrário de outras anteriores, ela conseguiu superar os níveis de intransigência que vinham colocando o presidente em exercício na defesa da contenção, mesmo com iniciativas possíveis no campo social, e o presidente da Câmara em estado de verdadeira rebelião.

Ulysses Guimarães cedeu, ao menos em parte. Obteve de Sarney, como compensação para aceitar, ainda que temporariamente, a política contencionista, que o governo viesse o mais depressa possível perante a opinião pública para, com os substantivos e os adjetivos necessários, esclarecer que a situação se devia aos descalabros e ao verdadeiro caos econômico deixado pela administração passada. O presidente em exercício aceitou a sugestão e, de madrugada, determinou a Francisco Dornelles que assim procedesse. Ontem mesmo o ministro da Fazenda convocou a imprensa e deu entrevista coletiva, não poupando críticas ao passado e demonstrando, com números, a premência e o porquê das medidas duras de contenção. Essa já era sua intenção, tanto que dispunha de todos os dados e números, atualizados, acerca da difícil quadra vivida pela economia brasileira.

Registrou-se, assim, uma espécie de trégua entre o maior partido nacional e, ironicamente, o partido que em maioria o compõe. Porque, de sua parte, José Sarney fez o mínimo que o comando peemedebista pretendia. Também mandou anunciar iniciativas no campo social. As possíveis, não as desejáveis. Elas não poderão ser divulgadas hoje, em bloco, mas oportunamente chegarão à imprensa.

O inusitado continua fazendo das suas, e não apenas com relação a Tancredo Neves, infelizmente quase desenganado. Mesmo os planos de comportamento do governo são alterados a cada momento. Pela segunda vez, uma reunião ministerial tem de ser adiada.

O pronunciamento de José Sarney aos ministros estava pronto e, por certo, será atualizado quando

for marcado outro dia. No tocante à política econômico-financeira, ela dirá, como diria hoje, não haver alternativa. A estratégia é essa mesmo, expressa em documentos e entrevistas de Tancredo Neves e corporificada por meio de ações do ministro Dornelles. Contenção é a palavra de ordem. Continua e continuará valendo o "é proibido gastar". Obviamente que permanecerão buscados e até encontrados mecanismos para a adoção imediata de realizações no campo social. Toda força está e será dada ao ministro da Fazenda e ao ministro do Planejamento, João Sayad. O que o vice-presidente em exercício tenta evitar, até agora com dificuldade, é o maniqueísmo fácil estabelecido nos meios políticos a respeito dos dois auxiliares. Porque nem Dornelles é apenas um contencionista, e nem Sayad é, simplesmente, um desenvolvimentista. O ministro do Planejamento, para as medidas de emergência, não pede dinheiro novo. Remaneja verbas orçamentárias dos diversos ministérios, procurando pinçar e dar destaque a planos e programas já estabelecidos. Apenas busca fórmulas para a liberação imediata do dinheiro e reúne os diversos programas numa só folha de papel. Sob certo aspecto, torna-se um prestidigitador. Em paralelo, o ministro da Fazenda não deixou de atuar no campo social. Promoveu, no seu primeiro pacote de iniciativas, o congelamento dos preços de gêneros e produtos. Poucas medidas beneficiam tanto os menos favorecidos quanto a interrupção, mesmo temporária, da alta de preços dos produtos e gêneros de sua necessidade.

Nota-se, no governo e entre os políticos, uma espécie de trégua que, mais do que através de qualquer outro exemplo, foi verificada na conversa ampla e aberta entre José Sarney e Ulysses Guimarães, no Boeing presidencial. Também os dois não se pretendem identificar maniqueisticamente. Sarney tem preocupações sociais, avolumadas em função da necessidade de conquistar a opinião pública, e Ulysses provém de uma escola tradicional de moderação, o velho PSD, cujas lições não terá esquecido por completo.

A comoção novamente registrada a níveis altíssimos, ontem, em todo o País, impedia o vice-presidente, os ministros e os líderes partidários de maiores análises. Voltavam-se os sentimentos para o Instituto do Coração, em São Paulo. Por volta das 21 horas, poucos acreditavam na recuperação de Tancredo Neves, a não ser por milagre. José Sarney estava preparado para sair do Palácio do Jaburu, sua residência oficial, e dirigir-se ao Palácio do Planalto a qualquer momento da noite ou da madrugada, para ocupar cadeia nacional de rádio e televisão. Ulysses Guimarães permanecia de plantão, em seu gabinete na Câmara dos Deputados. Cada ministro ficou em sua sala, recebendo da Presidência da República, em Brasília ou em São Paulo, informações frequentes sobre a situação. Outra vez, o País parou, ansioso. Angustiado e sofrido. Se a Nova República não merecia começar assim, muito menos merecia o presidente Tancredo Neves terminar dessa forma.

C.C.